



O Gaiato

31 DE MARÇO DE 1973
ANO XXX — N.º 758 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



O menino e o borracho, num recanto do Tojal.

Todos os dias se topam na imprensa listas de carros desaparecidos, ao lado de outras, menos encorpadas, em que se fala de viaturas recuperadas. «Agentes de boa memória» ou operações «stop» são, entre outros, os meios de que as Autoridades se servem para fazer frente a uma epidemia que valeria a pena dissecar, explicando as suas causas mais comuns. Não o faremos, pelo menos por agora, se bem que o assunto seja palpitante, por muito relacionado com jovens e respectivo comportamento social. A alusão ao facto interessante, porém, como termo de comparação para o que pretendemos hoje aflorar nestas colunas.

Com uma frequência dolorosa, cada vez mais acentuada, se constata o abandono efectivo de filhos por parte dos pais, sem falarmos já do trágico abandono que se processa em plena co-habitação familiar, mesmo assegurado largo e às vezes até excessivo conforto material. Ora, um pai que abandona um filho deveria também constar duma lista

de desaparecidos a merecer cuidados pelo menos equivalentes aos que se dedicam aos dos carros roubados. Os valores em jogo não têm mesmo comparação e o relativo paralelo aqui evidenciado é para realçar o paradoxo: os bens do espírito e os valores humanos são colocados em plano secundário. Quem rouba ou desvia aquilo que não lhe pertence é procurado por toda a parte, se for preciso até pela Interpol. Um pai, que se rouba àqueles que gerou, facilmente ou com muitas probabilidades, pode viver paredes meias, porventura na mesma terra, com os que defraudou gravemente, sem ninguém lhe ir às mãos. O que será mais grave? Onde estão as leis de família práticas

DOCTRINA

«Acabo de receber o magnífico livro «Viagens» do nosso saudoso Padre Américo e aqui estou, como de costume, a pagar o papel, tinta e mão de obra, utilizados na sua impressão, uma vez que o seu conteúdo é dum valor impossível de calcular.

Tenho sempre pago o papel, tinta e mão de obra (insisto em repetir) com a importância de cinquenta escudos. Como porém este livro é mais volumoso do que os editados anteriormente, remeto-lhes desta vez cem escudos, que espero se ajuste melhor à sua dimensão...»

Não é muito fácil fazer entender às pessoas que os valores do espírito — mais, se têm sua profunda causa no Espírito de Deus — não têm preço na moeda dos homens. Daí aquela pergunta profana, que tanto repugnava a Pai Américo; e o fez escrever; e tanto o fez sofrer: — Quanto é...?, dita a propósito de coisas sagradas como os Sacramentos.

Que tanto o fez sofrer...! Talvez por isso me mo ele tenha merecido uma compreensão bastante singular daqueles (e são tantos!) que

havam de o ir conhecendo através dos seus escritos e por ele afinando suas mentes, conforme àquela regra que nos deixou: «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um».

Assim tem sido. E nunca é ao nível do dinheiro que as contas deixam de estar certas, segundo o nosso critério. Também aqui consideramos válida a doutrina da «Comunhão dos Santos»: Uns dão pelos outros. Se há quem dê por um livro menos do que o seu custo material, logo vem outro, às vezes no mesmo correio, que oferece por três ou por quatro. E se alguém manifesta o seu desejo de possuir uma das nossas publicações, mas não se atreve a fazê-lo por dificuldades económicas, também elas não serão obstáculo... Dará alguma coisa quando, como, se puder... O débito essencial está de antemão saldado: o desejo, o apreço, a comunhão que o livro vai produzir ou aumentar é compensação suficiente — é essa mesma a que nós mais desejamos e apreciamos.

Portanto as contas só as não achamos certas quando há desinteresse, incúria — que nos permitem supor que o livro ou jornal foi atirado para o monte de muitas outras publicações recebidas, sem a reverência devida ao «seu conteúdo, dum valor impossível de calcular».

O testemunho que encima este escrito, é um dos muitos e muitos que todos os dias o correio nos traz. De resto, o tema apareceu abundantemente, ainda há pouco, no número do aniversário de «O Gaiato». Achei-o expressivo e tomei-o por causa daquele «insisto em repetir», que denuncia uma mentalidade marcada por esta doutrina e pelo escrúpulo de

Cont. na TERCEIRA página

Aqui Lisboa

e exigentes no combate aos desertores das responsabilidades paternas? Quem não cumpre com os seus deveres não pode apelar para direitos; uma coisa é correlativa da outra. Logo, a sociedade tem necessidade imperiosa de agir na defesa dos seus valores mais sagrados e quem não respeita os outros deve ser procurado e colocado em posição de «quarentena», até que retome o lugar que lhe compete. A nossa liberdade termina onde começa a dos outros e toda a prepotência ou qualquer violência para com os mais fracos deve ser energeticamente contestada. As dificuldades dos problemas postos não nos absolvem das águas mornas ou das meias tintas usadas na luta. Há nesta matéria também operações «stop» a realizar, muitos «agentes de boa memória» a comprometer.

É uma questão de elementar justiça.

Padre Luiz

P. S. — A nossa festa no Monumental está marcada para 10 de Maio.

FESTAS

Enquanto a zona norte já se vai deliciando com o nossa presença em suas terras, o centro e sul vão esperando a sua vez. Esperança alegre, como é a de todas as festas de família.

Na nossa Casa do centro, como nas outras, as festas são um grande motivo de interesse. Carlos Manuel, João e Manuel Zé giram sem parar. Eu tenho sido o homem do telefone.

Como nos anos anteriores, as nossas festas do centro e sul serão logo a seguir à Páscoa. No centro, para já, estaremos em Abril: dia 27 em Leiria, 28 na Lousã, 29 em Ceira e dia 30 em Coimbra; no mês de Maio: dia 4 na Marinha Grande, dia 5 em Pombal e dia 7 em Tomar. E aproveitaremos bem o mês de Maio para nos encontrarmos

Cont. na SEGUNDA página

Setúbal

A vida de cada um de nós é autêntico recheio de passagens inolvidáveis. Porque jamais foram apagadas da memória (quando as confrontamos com tantas outras que foram vividas e desapareceram totalmente, varridas pelo tempo), atrevemo-nos a pensar que nelas alguma coisa houve de importante, de singular, de sentido de novidade, para assim tanto as conservarmos. E diria mais: — As que mais renitentemente retemos no subconsciente, foram marcadas a ferro e fogo por acontecimentos talhados na dor mais funda ou na alegria mais efusiva. Assim assistimos ao caminhar vitorioso dos anos, sem embargo de obstáculos, salvo a morte; e ao caminhar não menos triunfante dessas passagens vividas em tempos recuados da nossa existência. Para ninguém é, certamente, novidade nenhuma ouvir-se palavras como estas: «Ah!, quando tinha tantos anos passou-se comigo...» ...E conta a história!

Certo é, também, que recordamos sensações, sintomas, estados de espírito, ligados a este ou àquele facto passado, e por vezes com quase tanta intensidade como a que experimentámos na vivência concreta dos mesmos. E choramos convulsivamente com uma dada recordação. E fica-nos um travo amargo se trata de saudades ligadas a entes ou coisas que desapareceram da nossa vida. E rimos perdidamente à lembrança desta ou daquela ocorrência mais alegre.

Quantas vezes sucede até que alguém que conosco conviveu num dado momento, sobre o qual passaram muitos anos, nos vem recordar certas peripécias e nós, por mais esforços que façamos, não conseguimos lembrar a mínima coisa do que se passou ou até

mesmo nem a própria pessoa reconhecemos?! Porquê?... As coisas valem para nós — e assim com maior ou menor intensidade as fixamos! — consoante o grau de importância ou validade que a elas atribuímos. Isto acontece comigo, acontece contigo, acontece com todos nós! Ninguém, seja maior gênio ou aquele que maior capacidade de fixação tem, consegue conservar consciente tudo o que viveu, tudo o que sofreu, tudo o que alegrou, tudo o que o rebaixou, tudo o que o elevou, desde os factos mais apagados àqueles que mais clareza contêm! Ninguém que tenha condição humana!... Ninguém!

Estes apontamentos servem de introito para uma pequena reflexão que vezes sem conta me assalta e que, sobretudo, se projecta naqueles momentos em que mais sobranceira e altivez demonstro perante os que, por razões óbvias, se encontram numa situação abaixo da minha. Assalta-me esta reflexão quando me confronto com alguém cuja posição se nivela à minha ou se encontra muitos furos acima dela. E, em face disto, mais anseio ser pequenino e humilde, equiparando-me a todos os pequeninos e humildes. Ser o que sou quando postado em camadas iguais à minha. Ir mais para lá dos próprios recursos que possua, para me situar na dimensão dos que me são superiores. E nestes saltos para cima e para baixo que somos obrigados a dar para nos situarmos na dimensão dos núcleos em que a vida nos põe, é que vai toda a verdade da afirmação: «é condição do ser inteligente amoldar-se às diferentes situações em que vive»...

Fui buscar à vida passada esse acontecimento que tanto

Cont. da PRIMEIRA página

noutras localidades com todos os que nos têm recebido e nos queiram tornar a receber.

Têm-nos chegado muitos recados. Temos recebido mensagens de preocupação por ainda não termos anunciado datas.

Já entrámos em comunicação com quase todas as pessoas que têm tomado aos ombros a organização e respectivas casas. Os mesmos corações abertos, as mesmas portas franqueadas. Louvado seja Deus!

Se não fosse tão bom acolhimento e tanta ansiedade pela nossa presença, este ano não teríamos coragem para sair de casa, pois os rapazes estão quase todos matriculados e reecemos que a vida escolar seja bastante prejudicada.

Na nossa Casa de Lisboa (Tójal) Padre Luiz e os rapa-

FESTAS

zes preparam o programa para a Capital.

Em Setúbal ouvi Padre Acílio perguntar a Rogério se já podia marcar a festa na cidade. Rogério diz que tem tudo

em ordem, mas... espere mais uns dias.

Vamos à faina, que o tempo corre.

Padre Horácio

x x x

Entretanto, lembramos os nossos Amigos da zona norte do País que na próxima quinzena estaremos:

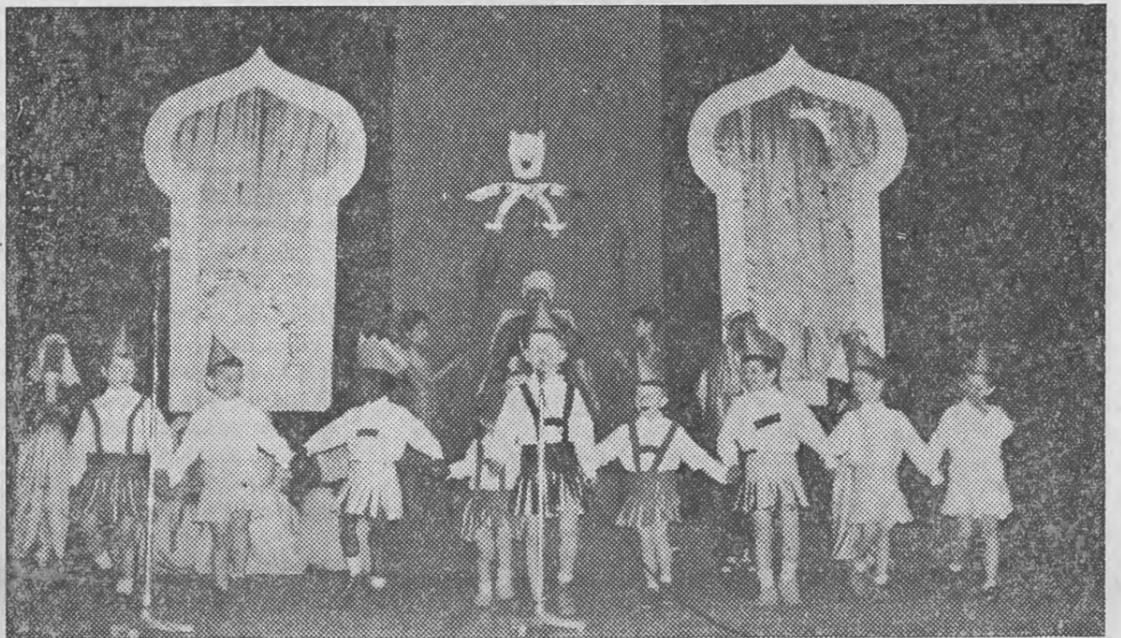
ABRIL

Dia 2 — Cine-Teatro Augusto Correia
VILA NOVA DE FAMALICAO

Dia 4 — Teatro Ribeiro Conceição
LAMEGO

Dia 6 — Teatro Aveirense
AVEIRO

Dia 8 — COLISEU DO PORTO
(Domingo, às 18,30 h.)



Um belo número dos «Batatinhas» de Miranda do Corvo — o ano passado.

me faz pensar e me obriga a ser mais pequenino quando, por causa dos meus estudos, das situações que com eles alcancei, ou por outras razões mais superficiais, me vejo alto-neiro a olhar os outros «lá em baixo». Não sei quando, nem a idade que tinha. Só sei que era pequenino, que andava na

escola primária (não me recordo também em que classe!). Era um miúdo muito pobrezito. Vestia o que me davam. Calçava aquilo que já não servia aos outros, ou que os míseros tostões de poupança permitiam. Comia dos parques haveres que minha avó obtinha dum dia de venda de fruta à porta duma padaria, ou dos restos (bem ou mal intencionados!) que da vizinhança sobravam ou que faziam a contar conosco. Não é um sentimento de revolta que me invade à recordação desses tempos, apesar de tantas vezes não ter sido mais que um mero «objecto de dó» para muitos deles. Antes, pelo contrário, sei que graças a alguns desses vizinhos, consegui sobreviver e ser o que sou. Mas houve um dia em que, regressado da escola, esfaimado, triste pela minha condição, me abeirolei de minha avó (de quem guardo ternas e gratas recordações!) e lhe perguntei (Bebo seguras as palavras tais e quais as empreguei): — Avó, porque é que não ganha mais para comermos e vestirmos bem como o «Maneta» que anda a vender fruta e coisas como você?

— Rapaz, respondeu-me, tenho muitos anos vividos. Criei os meus filhos. E agora, depois de velha, estou a criar-te a ti, que és meu neto. Nunca invejei a sorte de ninguém.

Somos pobres mas ninguém aqui da rua dirá um dia mal de ti por causa do que a tua avó faz. Ainda não tens idade para compreenderes certas coisas. Quando te atormentares com a vida que levas, dá uma volta pela «Monarquina» e vê se a tua vida não é melhor?!

A «Monarquina» desse tempo era um bairro de lata, de miséria, de ciganos a monte. Hoje, felizmente, já não existe nela tanta desgraça!

Que olhasse para baixo, em vez de olhar para cima! — me sugeriu minha Avó. ...Mandou-me descer abaixo da minha condição para ver melhor!... Ó sublime! Um conselho duma mulher do povo, duma ignorante, mas sabiamente amadurecida pelo trabalho de muitos anos e por uma longa experiência de vida.

«Olhar para baixo, em vez de olhar para cima»... Oh! se assim acontecesse com toda a gente! Quantas torres de Babel cairiam desfeitas a nossos pés! Não andaríamos aos saltos para nos situarmos ao nível dos núcleos em que nos integramos, nem seria o «adaptar-se às situações em que vive» a condição do homem inteligente!... Quantas verdades de La Palisse cairiam por terra — quantas?!...

Rogério

A LUZ não é para esconder...

«Meu marido encarregou-me de enviar um vale postal pedindo o favor de ele ser aceite como se fosse uma prenda para o Calvário. Porquê este destino? O Senhor concedeu-nos uma grande graça que foi obtida através de muito sofrimento moral; o «acontecimento» foi festejado assim.

Há outro elo que me liga àquela vossa grandiosa obra: é que o Senhor deu-me já há 5 anos, mas com mais persistência há 1 ano, um sofrimento

físico grande que, no fundo, é bem pequeno comparado com os que sofrem mais que eu. Trabalho na minha vida profissional, faço o serviço da minha casa e consigo tratar do marido e do meu filho. Todavia, às vezes, quando as dores são mais fortes perco a coragem, mas não deixo de dizer ao Senhor: «Não peço que me cures mas... que me des coragem e forças para lutar». Há dias, fui ao médico saber o resultado de várias radiografias e ele disse-me que a doença era incurável e decerto nunca mais deixaria de ter dores. Entrei logo na primeira Igreja que encontrei a agradecer ao Senhor esta vida que me dá, embora com dores, mas com a possibilidade de andar de pé, de fazer a minha vida normal

e de não sobrecarregar ninguém.

Estou conformada, pois há tanto por quem oferecer o meu sofrimento! As vezes a carne é fraca e eu sinto, por momentos, quando as dores atingem o auge, que estou sem coragem; mas... levanto-me e caminho. Há tantas pedras nas ruas por onde passamos... que é fácil tropeçar e cair.

Não tenho o direito de obrigar V. a gastar mais tempo, mas é tão bom dizer o que sinto a quem nos pode compreender! Gosto mais de escrever de falar (embora não seja pessoa calada e triste — sou alegre por temperamento); e então tenho um livrinho intitulado «Diário para ti, Senhor»; e que coisas por vezes eu Lhe digo!»
(De uma carta)



● CONTINUAM
A CHEGAR
POSTAIS RSF

Continuamos a receber postais RSF! São presenças do Minho ao Algarve, até das Ilhas, porque não foram pró Ultramar, nem pró estrangeiro.

Só no correio d'hoje chegaram mais 40. Recheados. Muita gente a pedir os livros de Pai Américo, desde o 2.º volume do «Pão dos Pobres» à presente reedição do «Viagens»!

Verificamos, com satisfação, que o ficheiro da Editorial — integrado no do «Famoso» para maior eficiência de serviço — atinge agora cerca de 20% deste. Uma percentagem muito boa. E em crescimento. Sobre tudo por ser luz da Luz.

● COMECÁMOS
A SERVIR
OS NOVOS
ASSINANTES
DA EDITORIAL

Já servimos de «Viagens» os mais antigos assinantes da Editorial. Foi um trabalho duro, nesta conjuntura festiva e tão dispersa. Trabalho duro — mas cheio d'alegria com o vosso incentivo, por cartas e postais. Que formidáveis depoimentos a gente para aqui tem! Revelaremos adiante o que nos for possível.

Começamos a servir os novos assinantes, os seiscentos e tal que utilizaram, até agora, o postal RSF. Hoje seguiu, na carrinha, uma valente carrada de livros pró correio. Esta segunda fase é um pouco morosa. Exige outros cuidados na expedição. São muitos, como dissemos, os que não se contentam — e muito bem! — só com o «Viagens». E pedem todas as obras de Pai Américo, de que dispomos actualmente.

Na parte de escrutinagem é o abrir fichas, gravar chapas d'endereços, etc.; na expedição propriamente dita a escolha e preparação dos volumes requisitados, embalagem, etc. Trabalho que deve ser feito conscientemente.

Vá lá que a esmagadora maioria dos novos assinantes espera calmamente a sua vez! Não há atropelos, nem refilices de maior. É uma procição respeitosa e respeitável. Por isso, aqui vai para todos, todos, uma saudação muito amiga — pela vossa compreensão.

● UMA CHAMADA
GERAL

Entretanto, aproveitamos a oportunidade para fazer uma chamada geral aos leitores que receberam postais RSF e ainda não responderam. Aos interessados, evidentemente; que os outros já optaram. Estamos às vossas ordens. Basta assinalarem no postal os quadradinhos dos livros desejados, escrever com letra bem legível o nome e endereço e colocar o dito, sem franquia, no marco do correio mais próximo. Tão fácil!, repetimos.

AS NOSSAS EDIÇÕES

O livro «Viagens»
em distribuição

● TESTEMUNHO
DOS LEITORES

O que para aqui vai; meu Deus! São presenças saborosas — calorosas. Almas cheias. Tão cheias que explodem! E dão oportunidade a outros de compartilhar do seu quinhão de vivência espiritual. Esta a melhor fatia dos livros de Pai Américo.

Olhem pró Porto:

«Muito grata pelo envio do livro «Viagens», mando juntamente uma pequena importância para esta obra, que tanto bem me está a fazer com a sua leitura, que não pode deixar de ser feita rapidamente primeiro, bem saboreada depois...»

Mais Porto:

«Agradeço do coração os livros que tão rapidamente me mandaram e que eu não li — «devorei»!...»

Lamento, mas de momento só lhes posso enviar 100\$00. Logo que as coisas corram melhor, mandarei mais...»

Agora, um velho amigo de Ovar:

«...Tenho lido, com minha mulher, a 2.ª edição do «Viagens». É se bem que um médico oftalmologista me tenha dito que as lágrimas muito prejudicam a vista, quer eu quer minha mulher temos sentido muitas lágrimas nas faces com a leitura, com a recordatória do santo Padre Américo. Ora, ontem, uma senhora amiga veio visitar minha mulher. Eu aproveitei a presença desta senhora para lhe falar na obra. Li-lhe um trecho do «Viagens». Pediu-me para escrever a dar o nome dela como assinante e que pedisse também para lhe enviarem a actual reedição do «Viagens» que seria — disse ela e muito bem — uma Escola para seus filhos, a quem recomendaria a leitura...»

Outro grande amigo, também do Porto:

«...Quanto ao texto do «Viagens», nós que convivemos com o Pai Américo, apreciamos sempre tornar a ler a sua prosa.

É da difusão dos seus pensamentos e do seu modo especial de actuação, que melhor podem resultar a compreensão indispensável entre os homens e as obras de solidariedade que nos trazam um mundo melhor.

Muito obrigado por ter verificado que continuo na lista de assinantes...»

● EXCERTO
DO «VIAGENS»

Aí vão mais uns parágrafos de uma crónica da viagem de Pai Américo ao Brasil, em 1949 — cuja actualidade perma-

nece imutável, porque do Evangelho:

«Chegado que fui ao Rio, tive ocasião de comunicar com o clero em uma das suas reuniões. Estava um Bispo. Pedi perdão a cada um dos presentes de subir àquelas alturas, mas a obediência ressalva; por obediência ali tinha ido. Estava ali um Bispo — a Igreja. Falei da necessidade de cada homem realizar em si e suas relações com os mais, o Mandamento do próximo. O primeiro Mandamento. O Mandamento Novo, na expressão de Jesus Cristo.

Amor do próximo, que seja identificação com a coisa amada; e como estávamos na América e as Filipinas são vizinhas, eu falei do Padre Damião; de como ele a tal ponto se identificou com os leprosos, que se fez leproso. Estava ali um Bispo. É preciso interpretar à letra a frase da Escritura que manda partir o pão aos que dele precisam. O pão que alimenta a vida animal do homem. Se fossemos a fazer uma estatística, havíamos de ficar assombrados, ao verificar que nas cinco partes do mundo conhecido, a fatura de pão cabe às minorias; o resto da humanidade não tem pão. Aqui mesmo, nesta encantadora cidade do Rio e dentro dos seus muros, vivem em favelas cerca de trezentas mil almas. Alguns desses chiqueiros levantam-se a par de avenidas estupendas, orladas dos chamados arranha-céus...»

Júlio Mendes

Cont. da PRIMEIRA página

pôr a condição — do ut facias — para que se não deixe de publicar livros de Pai Américo por falta de papel e tinta e de mão de obra, que, naturalmente, implicam gasto. Daí o mandar o dobro do costume, porque «este livro é mais volumoso do que os editados anteriormente», esperando que assim «se ajuste melhor à sua dimensão».

O recado da nossa Editorial a todos os assinantes de «O Gaiato» que o não eram dos livros, tem permitido detectar vários mortos, cujo falecimento nenhum vivo nos tinha comunicado; e alguma gente morta, que não reage: nem porque sim, nem porque não.

Longe de qualquer critério económico, nós reputamos perdido todo o jornal ou livro que não for lido. Que significado pode ter para nós o lançamento quinzenal de 50 mil jornais, a passar, se eles não forem acolhidos conforme à intenção de quem os envia: de penetrar as almas, de inquietá-las, de ajudar à transformação penitencial de que todos necessitamos, à não-estagnação, que é já princípio de morte do espírito?!

FESTAS — Acabaram-se os ensaios. E andamos na Festa!

Cada um dos «actores» se entrega com entusiasmo e responsabilidade, para o êxito de cada actuação nos palcos do norte do País. As Festas são tema de grande vivacidade e alegria em nossa vida comunitária.

PISCINA — As obras da piscina continuam. Depois de levantadas as paredes, e de ter sido feita a cobertura do chão com pedra e massa, os nossos construtores civis estão procedendo à respectiva canalização da água.

Tal empreendimento representa o esforço de todos, porque todos foram mobilizados a contribuir para a realização da obra.

É de salientar a boa camaradagem existente entre a malta — que ajuda no que for preciso.

Doutrina

Nós queremos a verdade. Os números das nossas tiragens são sempre consoladores, mais milhar - menos milhar que atinjam. A certeza de que tantos quantos saem, são tantas quantas almas perturbadas no sentido do «amor em obras, em verdade» — é o nosso interesse.

Registamos aquele depoimento de Sacerdote amigo, justificando a recusa do jornal aos «simpáticos» vendedores, que lho oferecem: — Eu já li.

Ler, sim. Porque ler é tomar partido, é participar numa opção, ao menos num desejo de opção. É o abandono, em matéria tão fundamental, da tibieza que Deus abomina, que «Deus vomita».

Quem não pode ler, porque lhe não chega o tempo ou lhe falta a vontade, não compre jornal nem livros. Deixe-nos a riqueza de não termos que fazer correcções deminutivas ao rendimento espiritual das nossas edições. Que os nossos números sejam sempre verdade; ou uma verdade ainda maior do que eles de per-si exprimem!

A abrir temos 80\$00 do Transvaal, África do Sul! Depois uma presença muito amiga da Avenida da República — Algés. E mais 100\$00 «para ajudar a pagar a motorizada». Lembram-se do caso?

Mais 120\$00 de Coimbra. Diz esta nossa correspondente: «É pouquinho, mas de boa vontade e por amor dos mais necessitados que eu e que são meus irmãos em Cristo».

Mais 100\$00 entregues no Espelho da Moda, pela mão do assinante 3521. Mais 20\$00 de Lamego. Agora, atenção ao Porto: «Enviei ontem um vale... em troca do livro «Viagens». Digo em troca porque os livros de Pai Américo não se pagam, têm o selo das Obras de Deus — e o que é de Deus não se paga com dinheiro». O Pai Américo acentuou esta Doutrina (deixe-me pôr em caixa alta, como se diz em gíria jornalística) muitas vezes — sem temer os protestos dos fariseus.

Finalmente, 50\$00 da Avenida dos Bombeiros Voluntários — Estoril.

Em nome dos nossos Pobres, muito obrigado.

Os donativos devem ser enviados para: Conferência de Paço de Sousa — Jornal «O Gaiato» — Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Pelas Casas do Gaiato

Paço de Sousa

FUTEBOL — O nosso onze mais uma vez mostrou ser uma equipa de grande valor! A boa preparação física proporcionou uma vitória favorável ao nosso Grupo desportivo.

Desde já, não se esqueçam de nos vir defrontar sempre que queiram. Aguardaremos com alegria os vossos pedidos.

VISITANTES — A nossa Aldeia tem sido muito visitada, principalmente aos domingos.

Com a aproximação da Primavera toda ela fica com um aspecto mais belo e agradável. Tenho a certeza que deslumbra todos os visitantes.

Relembro aqui, a todos, que «somos a porta aberta».

PEDIDO — Estamos a preparar uma biblioteca, um desejo de muitos e contributo de todos.

Se o prezado leitor tiver livros guardados na estante e que sejam úteis do ponto de vista moral e cultural, tenha a bondade de os oferecer à Biblioteca da Casa do Gaiato — Paço de Sousa.

Henrique Ribeiro Fernandes

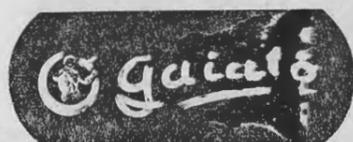
Notícias da Conferência
de Paço de Sousa

DONATIVOS — A presença dos nossos Amigos é duma perseverança a toda a prova! Não há dúvida, são um apoio, um grande apoio da nossa acção junto dos Pobres.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES

DA T. A. P. PARA ANGOLA E

MOÇAMBIQUE



Manel Zé



Chamo-me Manuel José Ribeiro Fragoso (cá em Casa sou o Manel Zé). Sou de Santarém e tenho 18 anos de idade. Tenho mais três irmãos e uma irmã, todos mais velhos e já casados.

A minha vida mudou muito cedo: fiquei orfão de mãe ainda não tinha um ano de idade. Minha mãe morreu cancerosa e deixara-nos nos braços de meu pai, que sofreu muito com a sua partida. E, assim, meus irmãos, que já eram crescidos, procuraram rumo de vida: uns para casa das tias e outros para colégios; eu, que era o mais pequeno, fiquei com o meu pai até à idade de quatro anos.

Quando fiz quatro anos fui para Lisboa, para casa de uma tia que, sendo solteira, criou alguns dos meus irmãos.

Em casa desta minha tia fui crescendo, habituando-me àquela vida de Lisboa. Fiz o exame aos onze anos e fui trabalhar.

Em poucos anos corri vários empregos, sem me fixar em nenhum; passava noites fora de casa gastando dinheiro em cinemas e outras coisas, que de nada serviam para a vida de um rapaz como eu, que precisava de um futuro. Quanto mais crescia, mais vadio ficava! Até que meu pai morreu, tinha eu treze anos. Então, minha tia, não suportando o malandro que eu era, procurou alguém que fizesse de mim um homem.

Vim para esta nossa Casa de Miranda do Corvo já tinha 14 anos. Depois de um ano escolhi o ofício de carpinteiro, que era um passaporte para uma vida de homem. Mas muitos dos vícios ainda não os tinha perdido. Para isso precisava de muito sacrifício da minha parte. O combate foi duro, para conseguir vencer parte desses vícios.

Como a minha vida espiritual era muito vazia, pois fiz a primeira Comunhão já em nossa Casa, ofereci-me para dar Catequese. Fiz o curso de Catequista, de que muito gostei e muito me tem ajudado. E tenho dado Catequese.

Faço parte do elenco das nossas Festas. Ter responsabilidade e ter de me apresentar em público também me tem ajudado bastante. As nossas Festas têm sido um grande bem para mim.

No ano passado fui escolhido para o lugar de sub-chefe, que ainda hoje ocupo. Estou matriculado na Telescola. E faço projectos para um bom futuro...

Deus me ajude.

Manel Zé

A ausência foi longa. Não têm aparecido notícias da nossa Casa. Dá impressão que as Areias do Cavaco foram cobertas pelas águas. Mas não. As queixas dos leitores são muitas. E têm razão. Por esse caminho também nos ajudam. São provas de amizade para com a Obra com que se sentem comprometidos. Os amigos querem notícias e notícias regulares.

Chegámos, há dias, do «frigorífico» metropolitano, onde nos levaram motivos de saúde. P.e Baptista carregou generosamente com este braço da Cruz, durante a nossa ausência. Regressámos, de novo, a este posto de serviço, para servir a todos. Servir é missão da Obra da Rua. Servir os mais pobres, em primeiro lugar. Eles são a porção querida de nossa herança.

A propósito de serviço, vou falar-vos do António José. Já cá tínhamos um que dá pelo apelido de «Ferro» e outro, já de barbas na cara, pelo apelido de «Luso», terra da sua naturalidade. Mas este António José é outro. Ainda não tem apelido. Não sei qual será, pois esse assunto não me pertence. Eles é que sabem.

Foi com este nome que se apresentou há dias um garoto; não sei de qualquer documento dele ainda; nem sei donde veio; nem quantos anos tem. Veio pelo pé dele e foi-me apresentado, aqui em Casa, por um grupo de rapazes dos mais pequenos que o trouxeram pela mão.



Andava eu nas lidas normais da Casa. Há coisas muito lindas na nossa vida! Esta é uma delas. Um magote de pequenos traz o farrapão ao meu encontro. Podiam apontar onde eu estava e encaminhá-lo. Mas não. Agarraram-no pela mão e acompanharam-no até junto de mim. Um deles apresenta o desconhecido recém-chegado e pede para ficar em nossa Casa. Fiz o meu inquérito sumário, ali mesmo, na frente de todos. Perguntei se o conheciam. Que não, disseram todos à uma. Mas isso pouco importava para eles. Era um que precisava e esse o grande argumento que tinham.

De momento, não me deixei vencer. Primeiro, devia ter comigo a pessoa com quem ele estava a viver até aquele momento. É crime enjear pura e simplesmente uma criança. Ele dizia haver sido posto na rua por uma pessoa com quem vivia. Custou-me a acreditar. E ficaram tristes quando disse que não podia ficar connosco.

Passados dois dias, volta de novo. O mesmo grupo pega nas mãos e trá-lo à minha presença. «Que ele não tem ninguém; o pai morreu; a mãe

desapareceu; a pessoa com quem vivia não o quer mais». Eram argumentos muito sérios e decisivos. Quem é capaz de resistir à pressão de crianças a pedir por outra criança abandonada? Sim, esta foi a martelada decisiva. Não cuidei de mais requisitos. Ficam para quando tiver tempo, que não temos assistentes sociais, auxiliares sociais e mais gente parecida. E o António José ficou. Que bela lição deram ao mundo estes garotos! Podiam não se importar com a sorte do desconhecido. Podiam desistir, depois de ouvido o primeiro não. Só ficaram felizes e em paz quando souberam que o António José ficava. E está connosco. Diz que é de Cabinda. Faltava-nos um de Cabinda para sermos família de toda a Angola. A sua cara fina e cheia de vivacidade, que diz ter 11 anos e não conhecer ninguém, é nosso. Vale muito mais que todos os barris de petróleo!

Mais um tesouro entregue aos nossos cuidados. Bendito encontro!

Padre Manuel António

Novos leitores de «O Gaiato»

Começávamos a sentir-nos um nadinha mortificados por não podermos dar notícia do crescente número de novos assinantes do «Famoso»!

Ainda agora Avelino passou para a minha mão a correspondência da última quinzena. Junta às anteriores temos uma fornada de categoria. Graças a Deus!

É verdadeiramente extraordinário o interesse de muitos — por esse mundo fora — dispostos a conquistar novos assinantes! São depoimentos de valor incomensurável. Testemunhos de sacerdócio activo, entregue a uma causa justa, cujos resultados colocamos nas mãos do Pai Celeste — que se preocupa com todos, crentes e descrentes.

Lembram-se daquele funcionário bancário do Porto, de que falámos em tempos? Aquele está:

«Após um silêncio de longos meses aí vão notícias, felizmente boas, pois arranjei mais alguns assinantes de boa vontade. Não tem sido preguiça mi-

nha trabalhar nesta Campanha formidável, mas acreditei, tenho tido muito pouco tempo disponível.

Ainda não consegui chegar às altas esferas do Banco..., mas não perco a esperança. Com um pouco de tempo mais livre, bater-lhes-ei à porta, e seja o que Deus quiser...»

Há muitas ousadias aqui, na minha frente. Muitas! Uma equipa de antes quebrar que torcer.

Mas todos muito compreensivos. Nada de forçar. E lançar a semente e esperar que germine — nos homens de boa vontade. A santa liberdade dos filhos de Deus. Assim, sim! Queremos leitores activos e não mornos — só de nome...

● DE NORTE A SUL DO PAÍS

Vamos resumir a procissão: Registamos novos leitores de Tondela, Abrantes, Alcobaça, Tavira, Carcavelos, Espinho, Odivelas, Matosinhos, Fanzeres, Baixa da Banheira, Barrocal do Douro, S. Mamede de Infesta, Portalegre e Coimbra, que afirma alto e bom som: «Mando dois novos assinantes com muita alegria, pois as baixas deixam-me triste e quero ir, len-

tamente, aumentando o número de assinantes».

É assim que os leitores da vanguarda vivificam o «Famoso»!

Mais Portalegre, Valadares (Gaia), Vilar do Pinheiro, Almeirim, Setúbal, Portimão, Vila Flor, Antime (Fafe), Oeiras, Abrigada, Reboleira, (Amadora), Gondifelos (V. N. Farnalício), S. Cosme (Gondomar), Braga, Gouveia, Freixianda, Olhão, Vila Real, Vila Nova de Gaia, Arroiteia (Leça do Balio), Castelo de Paiva, Ermesinde, Oliveira de Azemeis, Vilar de Andorinho (V. N. de Gaia), S. Mamede de Infesta, Cascais, Aveiro, Guifões (Matosinhos), Ovar, Santa Comba Dão, Peniche, Rebordosa (Douro), Vieira de Leiria, Pinheiro (Avanca).

De algumas destas cidades, vilas e aldeias chegaram grupos de novos assinantes!

Porto e Lisboa também é uma procissão numerosa. Estou a ver uma lista doutro funcionário bancário, tripeiro, que, além do zelo com que motiva colegas e amigos manda, agora, o rol da cobrança de 1973 — tão bem ordenado! — com gente nova.

Estou a ver, ainda, dois lisboetas com legendas saborosas. Exclama um: «Até que en-

fim que consigo uma assinatura!». E diz outro:

«...Quero aproveitar a ocasião de vos pedir uma assinatura do Jornal. Até aqui sempre tenho comprado ao sair da Igreja, mas acho que uma assinatura é mais prática para os dois lados...»

Deu no vinte!

● ULTRAMAR

Recebemos uma grande procissão do Ultramar!

Só uma lista de Malanje — Angola, traz 45 assinantes de Luanda, Calulo, Salazar (um mundo de gente!), Dundo, Gabela, Camabatela, etc. etc. E mais 35 deles só de Salazar, noutra série chegada posteriormente!! Anda muito Fogo por essas bandas. Anda, sim senhor. Aí está!

Da outra Costa, o mesmo fervor, o mesmo entusiasmo. Passa Mariri (Porto Amélia), Lourenço Marques uma data de vezes, Mocimboa da Praia, Chibuto, etc., etc.!

● ESTRANGEIRO

Os portugueses espalhados pelos vários continentes, em terra estranha, não esquecem a sua terra. Aqui vai gente de Kinshasa (República do Zaire), Joanesburgo (África do Sul), mais uma data deles de

Eis o «Batalhão» com a bola na mão...



Troveville e Transvaal, também da África do Sul.

Depois, temos um grupo do País-irmão: Brasil. É Niterói, Rio de Janeiro e Petrópolis. Finalmente, presenças da Alemanha.

Aqui vai para todos, todos, um forte abraço da malta do Jornal.

Júlio Mendes

